

Idéias

Revista mensal do Sindicato dos Servidores
das Justiças Federais do Estado do Rio de Janeiro
ANO I, número 6 – Outubro / 2006

EM REVISTA

Esquerda x direita disputam 2º turno



**Oposição se une
na OAB-RJ**

**PCS aguarda votação
do PLN 11/06**

**Por que a Editora
Abril é contra Lula**

**Convênio
com a**

ACM

Associação Cristã de Moços

A p r o v e i t e !

A ACM é pertinho de quase todos os Tribunais, logo ali, na Rua da Lapa.

CONCESSÃO DE DESCONTOS

A SISEJUFE/RJ firmou uma concessão de desconto com a Associação Cristã de Moços (ACM), inicialmente na Unidade Centro do Rio de Janeiro, localizada na Rua da Lapa, 86.

Os funcionários / associados do SISEJUFE/RJ e seus dependentes (cônjuge e filhos de 6 a 15 anos) que se matricular na ACM na categoria de ASSOCIADO PLENO, terão direito a praticar Ginástica (jump, alongamento, jogging local, step, programa de cond. Físico), Natação, Hidroginástica, Voleibol, Futsal, Basquetebol, Handebol, com um desconto de 20% na mensalidade, sem taxa de matrícula.

Outras categorias de associado e atividades como Musculação, Artes Marciais, Bike Indoor e Dança de Salão também são oferecidas, entretanto com condições diferentes.

Informações detalhadas poderão ser obtidas diretamente no setor de associados da Associação Cristã de Moços (ACM) – Centro – Rio de Janeiro – RJ, ou pelo telefone (21) 2509 – 5727 ramais 304, 206, 219 ou 302.

Em defesa da nossa soberania

Oscar Niemeyer (*)

Tinha de me manifestar, e apresentei um motivo, a meu ver, suficiente, para justificar a permanência de Lula no poder. Como fazemos há mais de quatro anos, assistimos às aulas do nosso amigo, o físico Luiz Alberto Oliveira, nas quais são debatidos os problemas da vida, da filosofia, deste estranho mundo em que vivemos. Nessa noite, prevaleceu em nossa conversa a notícia, divulgada pela imprensa, de que o Prêmio Nobel de Física tinha sido concedido a John Mather e George Smoot. E, durante meia hora, Luiz Alberto discorreu sobre a matéria, entusiasmado com a descoberta daqueles cientistas que apuravam a teoria do Big Bang, há tantos anos adotada.

Interessados, acompanhamos as explicações do nosso amigo sobre o assunto. E foi já tarde, pelas 23h, que o problema do segundo turno das eleições presidenciais nos ocupou, cada um expondo o que pensava sobre o que poderá ocorrer, todos a apoiar Lula. E no calor da discussão comentou-se a campanha odiosa levantada contra ele durante todo o período que precedeu as eleições. Tinha de me manifestar também, e apresentei um motivo – a meu ver, suficiente – para justificar a defesa que fazemos da permanência de Lula no poder.

Insisti em que ele seria indispensável para o movimento de protesto contra o imperialismo norte-americano que se espalha pela América Latina. Movimen-

to para o qual o Brasil se faz fundamental, por ser o país mais importante deste continente em que estamos. Outro presidente menos interessado no problema, mais preocupado em atender às pressões dos Estados Unidos – esquecendo-se da nossa Amazônia, tão ameaçada –, romperia esse movimento em defesa da América Latina que o Brasil, a Venezuela, a Argentina e a Bolívia vêm sustentando corajosamente.

Precisamos não nos iludir com o argumento de que a política violenta do presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, começa a declinar. Quem sabe se, diante do que ocorre, ela não vai se tornar mais cruel ainda – e o inesperado surge de repente? Vivemos em um momento no qual a defesa da pátria e da sua soberania entre nós não pode ser esquecida.

E, par a isso, a integração de todos os países que compõem a América Latina se faz essencial. Nas discussões políticas, a crítica quase sempre é levada a voltar atrás para descobrir erros cometidos no passado.

Nós, que estamos a favor de Lula, gostaríamos que isso ocorresse para comprovar que ele sempre permaneceu solidário com aqueles que lutam pela defesa da América Latina – de mãos dadas com Hugo Chávez, Néstor Kirchner e Evo Morales ■

(*) Arquiteto de renome internacional, é um dos criadores de Brasília (DF). Suas obras estão edificadas em diversos países, entre os quais Alemanha, Argélia, EUA, França, Israel, Itália, Líbano e Portugal.



Filiado à FENAJUFE e à CUT

SEDE PROVISÓRIA: Senador Dantas 117 - Sala 1541 - Centro - Rio de Janeiro-RJ CEP 20031-911

TEL./FAX: (21) 2215-2443

PORTAL: <http://sisejuferj.org.br>

ENDEREÇO: imprensa@sisejuferj.org.br

DIRETORIA: André Gustavo Souza Silveira da Silva, David Batista Cordeiro da Silva, Dulavim de Oliveira Lima Júnior, Flávio Braga Prieto da Silva, João Ronaldo Mac-Cormick da Costa, Leonor da Silva Mendonça, Lucilene Lima Araújo de Jesus, Márcio de Souza Marques, Márcio Hungerbühler, Nilton Alves Pinheiro, Otton Cid da Conceição, Renato Gonçalves da Silva, Ricardo de Azevedo Soares, Roberto Ponciano Gomes de Souza Júnior e Valter Nogueira Alves.

IDÉIAS EM REVISTA

JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Mário Augusto Jakobskind (RJ 13.389/JP)

REDAÇÃO e REVISÃO:

Max Leone (Mtb 18.091)

PROJETO GRÁFICO e DIAGRAMAÇÃO:

Claudio Camillo (Mtb 20.478)

ILUSTRAÇÃO:

Laluff

IMPRESSÃO:

PALAVRAS PINTADAS Editora e Gráfica Ltda.

(6.500 exemplares)

As matérias assinadas são de responsabilidade exclusiva dos autores.



A despedida	2	Sisejufe apóia chapa Nova OAB	14
E vai rolar a festa!!!	3	Oposição se une na eleição na OAB-RJ	15
Gostar da mulher	4	É preciso barrar a direita e derrotar Alckmin	18
Votação da PLN fica para depois da eleição	5	Senhor Senador (por mais quatro anos)	19
Sobre leituras e leitores	6	A polarização esquerda/direita comanda 2º turno	20
Fulgêncio Pena Branca	7	Alckmin, a paulicéia desvairada	21
Decisão do CNJ sobre jornada de 6 horas	8	Frande operada pela OEA, sob as ordens de	
As empresas não têm ideologia, têm negócios	9	Bush, impôs segundo turno no Equador	22
O "sexo forte" nas estatísticas...	10	"Socialismo ou Barbárie	23
Nise da Silveira: Rebelde com causa	11	Leia sem rir que a coisa é séria	24
Um cartunista brasileiro no mundo	12 e 13		

Dotação orçamentária que garante o PCS poderá ser votada antes das eleições



Na tarde de ontem, 17 de outubro, o Senado aprovou 20 matérias, sendo 11 medidas provisórias [MPs]. Mas nenhuma dessas MPs atinge os PCSs dos servidores do Judiciário e do Ministério Público do Distrito Federal. O PLN 11/06, que garante verba para os planos, não esteve entre os itens aprovados ontem pelo Senado, uma vez que depende de uma sessão conjunta entre deputados e senadores. O projeto já foi aprovado na Comissão Mista de Orçamento e Finanças do Congresso Nacional e agora aguarda sua aprovação em plenário.

Segundo informações do Diap, as lideranças partidárias no Senado fecharam um acordo para que nenhuma MP sofresse alteração, impedindo, portanto, o retorno dessas matérias para a Câmara dos Deputados. Porém, a MP 303/06 que autoriza o parcelamento das dívidas das pessoas jurídicas com a Receita Federal, sofreu alteração e voltará à Câmara dos Deputados.

A assessoria da Secretaria Geral da Mesa da Câmara dos Deputados confirmou à Fenajufe que o presidente da Casa, deputado Aldo Rebelo [PCdoB/SP], convocará sessão deliberativa para a segunda e terça-feira, 23 e 24 de outubro. Na segunda-feira, a sessão será

às 18h, e na terça-feira, às 14h.

Também segundo matéria da Agência Câmara, Aldo Rebelo já anunciou que convocará as sessões para a próxima semana, com o objetivo de votar medidas provisórias que trancam a pauta, em especial a MP 303/06, que cria o Refis 3. Ela foi alterada ontem [17] pelo Senado e precisa ser votada novamente pela Câmara até o dia 27 deste mês para não perder a validade.

A realização de sessão da Câmara na próxima semana possibilita a convocação de uma sessão deliberativa do Congresso Nacional, que deverá apreciar o PLN 11/06, entre outras matérias. Mas

para isso é preciso que os parlamentares estejam em Brasília na próxima semana. Por isso, a Fenajufe e os sindicatos filiados devem intensificar os contatos com os deputados e senadores nos próximos dias, com o objetivo de convencê-los a garantirem o quorum necessário para a realização de uma sessão do Congresso Nacional. Os servidores também devem pedir que os parlamentares aprovem o PLN 11/06, que altera o orçamento e garante verba para a implementação das primeiras parcelas dos planos do Judiciário e do MPU ■

Da Fenajufe – Leonor Costa

Declaração de Líder do PFL deixa categoria alerta

A declaração do líder do PFL, José Carlos Aleluia, de que o orçamento deveria ser assunto do "próximo presidente eleito" deixa a categoria em alerta. Ela expressa um desacordo tácito com a ideia de se aumentar os gastos com aumento de salário de servidor e acende a luz vermelha, na intenção do PFL e do PSDB de cortarem os valores que viabilizam o PCS.

Ela vem de encontro as declarações últimas do PSDB do Congresso, criticando o governo por ter aumentado o valor dispensado com salário e contratação de novos funcionários públicos. A categoria vai pressionar para que o PLN 11 seja votado antes da eleição presidencial, mas fica o alerta na intenção da dobradinha PFL-PSDB, caso eleita, cortar valores relativos ao aumento do Judiciário, o que pode inviabilizar o PCS.

Decisão do CNJ reforça luta pela jornada de trabalho de seis horas

A retomada da jornada de seis horas para os servidores do Judiciário Federal é uma reivindicação histórica. E a decisão do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) favorável à categoria, contra a representação do Ministério Público Federal que pedia a inconstitucionalidade da matéria, reforça a nossa luta. Como base de sustentação em favor das seis horas diárias de trabalho foi feito um levantamento em 2002 para verificar o impacto do aumento da jornada para oito horas por dia no Tribunal Regional do Trabalho. As informações passadas até então era de que a produtividade no setor cresceria no período.

De acordo com o estudo, o ganho de produtividade não era real e, sim, em função da diminuição do número de processos que foram protocolados para serem analisados.

– O tribunal difundia o dado – que era verdadeiro – de que havia reduzido em torno de 20% o percentual de processos pendentes de solução no nível de consignação. Verificando os dados oficiais do próprio tribunal e no banco nacional de dados do Poder Judiciário ficou constatado que essa redução era resultado não do aumento do número de processos, mas da diminuição das ações que entram – explica o técnico judiciário do TRF da 4ª Região Carlos Alberto Colombo, mestre em Sociologia e autor do estudo.

Colombo lembra que houve um seqüência de três anos com uma redução exatamente nessa proporção que o tribunal divulgava. Para ele, a redução do número de processos pendentes não era



“As estatísticas mostraram que o número de ações solucionadas após o aumento da jornada foi, em alguns casos, idêntico ou menor que em anos anteriores”

resultado de ganho de produtividade. O trabalho também verificou se houve modificações no número de processos solucionados. De acordo com o autor da pesquisa, “as estatísticas mostraram que o número de ações solucionadas após o aumento da jornada foi, em alguns casos, idêntico ou menor que em anos anteriores”.

A pesquisa evidenciou com dados oficiais que o aumento da jornada de trabalho pura e simplesmente não trouxe nenhum ganho de produtividade – assegura o pesquisador, ressaltando que também foi detectado um crescimento

do número de casos de doenças do trabalho, principalmente as relacionadas ao sofrimento psíquico, e uma desestruturação do cotidiano dos servidores que tiveram a jornada alargada. Na avaliação da coordenadora executiva da FENAJUFE, Maria da Graça de Souza, a decisão não pode ser vista como uma decisão isolada.

– Certamente, essa posição assumida pelo órgão que tem o papel, no âmbito administrativo, de fiscalizar as ações dos gestores do Poder Judiciário demonstra que a luta histórica do conjunto da categoria pela redução da jornada de trabalho, que transcende em muito a luta dos servidores do Judiciário, já encontra ressonância em um dos poderes da República tido como um dos mais conservadores – afirma.

Maria da Graça ressalta que a decisão do CNJ será um referencial de grande peso ao se estabelecer um debate conseqüente no âmbito da administração pública e até mesmo no setor privado a respeito da jornada de trabalho.

Em 1º de setembro, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) lançou a Campanha Unificada dos Trabalhadores que, entre os vários pontos de reivindicação, está o de fixar a jornada de trabalho em seis horas em todo o país. O objetivo é aprovar a emenda Constitucional 393, que prevê a redução das horas trabalhadas sem, no entanto, diminuir o salário.

– É uma campanha voltada também para o aumento do número de postos de trabalho – avalia a primeira-secretária da CUT Nacional, Lúcia Reis, que avalia que a decisão do CNJ também vai favorecer o todo o universo da classe trabalhadora ■

A Despedida

Marlene de Lima (*)

Aguardou na varanda que Francisco se preparasse. Ele não assoviou fazendo a barba nem peregrinou pelo apartamento, nu ou de cueca, à procura dos cigarros. Raquel percebeu que estava tenso, sem o irritante sorriso de “eu te amo e Deus é pai” com que costumava dar por encerradas as brigas. Começava a achar que valera à pena tanto estresse. O marido, que se apegava com unhas e dentes àqueles 25 anos (e seis meses: tempo de sobra para os amigos esquecerem a festa de bodas de prata), se convencera de que o melhor mesmo era a separação. Uma valise aguardava na soleira da porta. Pelo tamanho, ninguém diria o tempo que viveram juntos. A mala grande com rodízios e as caixas para papéis e documentos, porém, tinham sido recusadas. Ela antegozava os telefonemas intermináveis para Glorinha e Vivi contando os lances e o desfecho.

O uísquinho e o balde de gelo já estavam a postos. Pensando bem, que lances e que desfecho? O momento pedia drama e, por isso, bem que gostaria de chorar. Sabia, de ouvir dizer e das novelas, o quanto podiam ser sofridas as separações. Mas não sentia nada, como se estivesse no velório do defunto alheio. Nem mesmo quando ele derramou aquele olhar por toda a sala e saiu fechando a porta com delicadeza, o coração dela baqueou. Até porque aquilo não era jeito de se abandonar um casamento considerado feliz. Seria melhor – para o bem de Raquel – que a despedida fosse tempestuosa, deixando no ar um meio clima de desacato, acendendo iras, exigindo revanche, portas batidas, jarras quebradas. Queria que a separação desse pano para



mangas. Assim, parecia mais ter expulso o cão que fez xixi no tapete. Droga, sua vida era mesmo sem emoção. No divórcio do casal do lado saiu até tiro; mas era esperar muito de um cara devagar igual ao Francisco.

Pronto, chega de sacrifício. Enfim, tomou-se uma atitude. De qualquer maneira, se livrara da vida insossa, da solidão acompanhada. Para aquele final, se valera de vários recursos condenáveis: dos decotes por onde quase saltavam os novos peitos às cruzadas de pernas à Sharon Stone, nas reuniões em que ele e um grupo de colegas da Bolsa falavam de investimentos, PIB, alta do dólar. Mas o que

garantiu mesmo o desenlace foi o bolero sinuoso pernas por dentro do negrão de terno branco na Estudantina. Ainda na mesma noite - a do “besame mucho” -, Francisco declarou que abandonaria a casa, e a mulher não pensasse que bastava um gesto e voltaria abanando o rabo. Não era palhaço. Arranjasse outro disposto a aturar seu comportamento vil, “sua inconseqüente” (não falou “escrachada” como ensaiara e ela adoraria).

Depois da saída do marido (aliás, do “falecido”, pois assim pretendia chamá-lo nas rodas de chope com o pessoal da repartição), Raquel preparou o uísque, pôs um CD de Júlio Iglesias e, no tapete, recostada junto à mesinha da sala, se entregou aos projetos da liberdade novinha em folha. Passados 30 minutos, a recém-separada pensou ouvir o barulho do elevador chegando. Baixou o som e apurou os ouvidos. Não. Devia ser para o vizinho. Passos candenciados no corredor – uma passada larga seguida de um arrastar de salto no chão (dois anos atrás, ele fraturara o calcanhar esquerdo numa freada acidental) – e, ao fundo, a

tossezinha da nicotina destruíram, porém, qualquer fiapo de dúvida. Percebeu, incrédula, a chave girar na fechadura. Francisco entrou. Pousou suavemente a maleta no sofá. Ameaçou com voz de barítono: “Desta vez passa, mulher. Mas da próxima...”

O peso dos 25 anos se adensou no silêncio dela. Ato contínuo, ele foi à geladeira, pegou uma cerveja e, com ar de dono, se aboletou na cadeira-do-papai em frente à televisão. Ela desligou o som e jogou a bebida no vaso da planta ■

(*) Servidora aposentada do TRT

E vai rolar a festa, vai rolar !!!!

Está chegando o dia da nossa Grande Festa da Vitória do PCS! Os convites foram distribuídos pelos diretores do SISEJUFE-RJ. A noite do dia 27 de outubro vai ser animada. Os músicos estão prontos para mandar ver no som. O DJ já preparou o repertório para agitar a sexta-feira do Botequim do SISEJUFE-RJ. As atrações estão confirmadas. Vai rolar muita música e animação. Tem para todos

os gostos. Do samba de raiz, com Batifundo, passando pelo chorinho, levado pelo Samba na Madrugada, Dú Basconça, Aneliza, Leo Marinho e Carlos José. A noite fecha com muito pop e Rock and Roll, ao som da banda Marafos.

Não vai dar para ficar parado. A ordem é comemorar muito a aprovação do nosso PCS, depois de tanto tempo de espera e de muita luta e mobilização. A festa da vitória será no QG Hall, que fica na Rua da Quitanda 106, no Centro, a partir das 18h. O local tem todo tipo de bebida e comporta 400 pessoas.

Cada um pagará o que consumir. Agora é só comemorar! Boa Festa!



E com vocês, as bandas!



Grupo Batifundo

FOTO: Samuel Tosta

MARAFOS – Uma das atrações da Botequim do SISEJUFE-RJ é banda Marafos. Formada em 2006 é composta por Sandro, voz principal, Pablo, guitarra solo e vocal, Vinícius, guitarra base, violão e vocal, Victor, baixo e vocal, e Diego, bateria, jovens que adoram curtir a vida e são apaixonados por música. Em seus shows, a Marafos apresenta grandes sucessos do Rock Nacional dos anos 80 e 90 de bandas como Legião Urbana, Barão Vermelho, Engenheiros do Hawaii, Paralamas do Sucesso, Ira!, entre outros, além de composições de autoria própria.

SAMBA NA MADRUGADA – Tendo em comum o gosto pelo samba em suas diversas modalidades, Dú Basconça (violão e voz) e Carlos José (percussão e voz) tocam juntos há dez anos, quando integravam o grupo “Coisa em comum”. Depois, se juntaram a Leonardo Marinho (flauta) e Gegê (cavaco) e ampliaram seu repertório com choros de Pixinguinha e Waldir Azevedo. Para o show do Botequim do Sindicato no QG Music Hall, terão como convidada a o charme e simpatia da cantora Aneliza.

BATIFUNDO – É formada por um gru-

Confira a programação:

Das 18h às 19h30min: DJ

Das 19h30min às 20h40min:

Batifundo (samba de raiz)

Das 21h às 22h: Chora o Samba na Madrugada (Dú Basconça, Liza Ambrois, Leo Marinho e Carlos José) - (samba e chorinho)

Das 22h15min às 23h30min:

Banda Marafos - Rock and Roll e pop

Nos intervalos e até terminar, volta o DJ!

po de jovens que integram também outros grupos importantes do cenário musical. Pedro Holanda, voz e violão de Sete cordas, é integrante do Anjos da Lua e Orquestra Republicana; Roberta Nistra, voz e cavaquinho, integra o Manga de Colete, e acompanha diversos artistas; Marcello Mattos, percussionista, integra a banda de Lúcio Sanfilippo (que tem disco lançado pela Robdigital), o Grupo de música afro Razões Africanas, Clarice Magalhães, pandeiro e voz, integra o grupo Choro Na Feira, que tem 4 CDs lançados ■

Sobre leituras e leitores

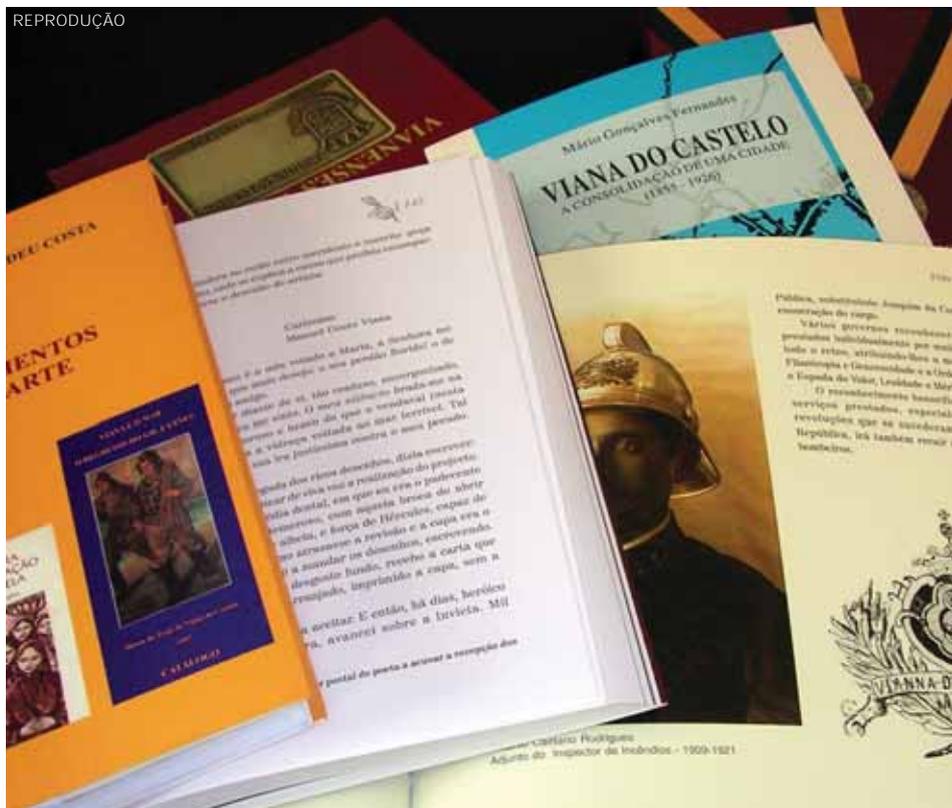
Clarisse Faria*

Muito pouco daquilo que se escreve se publica. E do que é publicado, menos ainda se lê. Precisamos selecionar nossas leituras. Vivemos numa época em que a informação se tornou moeda preciosa, critério de seleção e exclusão social. O conhecimento se pulveriza; sabe-se bastante superficialmente sobre quase tudo. Conhecimento raso de extensa superfície. Quantidade em detrimento da qualidade.

O desenvolvimento dos meios de comunicação foi decisivo na difusão de informação, mas se limita a isso. É uma falácia afirmar-se que gerou a democratização do conhecimento. Houve sim, uma mudança de paradigma. A questão não é mais saber, mas como saber. Todos têm acesso à informação, é fato. Mas a questão é: muito poucos têm oportunidade de aprofundar-se, sair da superfície. E quem não submerge fica à margem.

Quando não existia televisão nem internet, e os outros meios de comunicação eram menos eficazes, já que as distâncias eram mais prementes, valorizava-se muito a sabedoria dos mais velhos, a experiência de vida, as tradições culturais, regionais, musicais, orais e outros ais. Aqueles que sabiam ler preocupavam-se mais em buscar “edificantes leituras para cultivar o espírito”. Ninguém ficava rico por escrever; escrevia-se por diletantismo ou ideologia.

Mas há quem pense: “em compensação, antigamente existia mais analfabetos”. Não creio que hoje a quantidade de analfabetos funcionais tenha diminuído. Pelo contrário. A palavra de ordem é: “erradicar o analfabetismo do país” – seria ótimo se não fosse a qualquer preço. Ensina-se a escrever o nome, a ler as manchetes dos jornais e os nomes dos candidatos nas



campanhas eleitorais, mas não se mostra o caminho para seguir progredindo. Não se recomenda boas leituras, não se desenvolve o espírito crítico, não se contextualiza o indivíduo em seu meio social, como agente transformador de realidade, como tanto alertou Paulo Freire. O alfabetizando não é visto e valorizado como indivíduo e ser social, mas como número, estatística do IBGE.

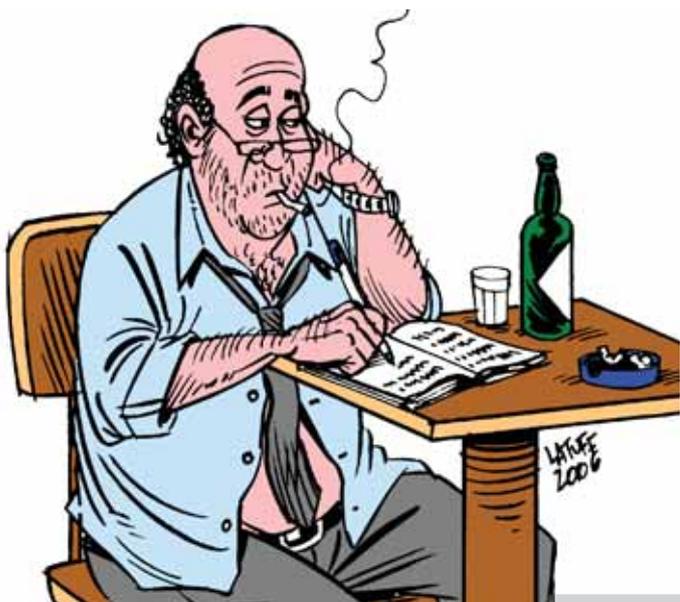
Há também uma terceira classe de analfabetos, tão bem definida pelo saudoso Mário Quintana: “O pior analfabeto é aquele que aprendeu a ler e não lê”. Assim, poucos aprenderam a ler, e desses poucos felizardos, menos ainda são os que lêem. É lamentável a falta que esse saudável hábito faz.

E por último, mas não menos importante, há ainda os que lêem um certo tipo de “literatura de status”, alimentada por um público ávido de prestígio social. Lê-se aquilo que está “na moda”, sem muito discernimento.

Todo mundo já ouviu falar em Dan Brown, Sidney Sheldon, Barbara Cartland, mas quem se interessa pelos clássicos, pelos bons autores nacionais? É certo que toda leitura tem suas vantagens. Mesmo nesse tipo de “obra fashion”, há, bem ou mal, um trabalho de ortografia e gramática metódico, que serve para, pelo menos, condicionar a escrever corretamente. Nada contra os pops, contanto que não se esqueça, nem se perca o sentido da verdadeira literatura, aquela escrita sem fins comerciais, concebida com prazer e lida despreziosamente. Literatura para ser degustada, e não substituída.

No final das contas, acho que não sobra muito. Do que se publica, pouco se lê, e dos poucos que lêem, poucos submergem. É a superficialidade minando o essencial. Os clássicos que durmam com um barulho desses...

(*)Servidora da 24ª Vara Federal



Triste fim de Bob Freire

Responda sem pensar, quem vai ganhar o prêmio de namorada da direita brasileira? Fernando Direita Volver Gabeira ou Bob Freire? Fica difícil saber quem tirou mais fotos do lado de Bonhausen, ACM e Tasso Jereissati...

Mas, o ex comunista e ex político em atividade (aceitou vaga de suplente de senador porque não se elegeu nem para síndico do prédio onde vive), Bob Freire, o mais feroz anticomunista em atividade, criador do PePSi, vem se excedendo na arte de bajular a elite. Ontem foi flagrado criando mais um factóide, ao lado dos presidentes do PSDB e do PFL, denunciando o presidente da República por suposto crime de abuso econômico. O crime que Lula teria cometido seria o incrível de liberar verbas para o plantio de soja... Deve ser um novo fato típico. Em que escola Bob Freire estudou direito? Será que foi na escola do Panamá, com a CIA?

Deve estar com saudades da época em que era líder da privatária tucana no Congresso, o Cérbero de Fegacê, defendendo com unhas e dentes o vendilhão tucano que conseguiu o feito incrível, que espantou até Delfim Neto: vendeu os ativos do país e aumentou o passivo. Para Delfim Neto, se o nosso sociólogo de araque fosse presidente de uma empresa privada, seria preso. Nesta época, Freire toca-

va carícias com o chefe do entreguismo nacional e nunca denunciou nenhum abuso econômico das empresas que, financiadas pelo BNDES (ou seja, com nosso dinheiro) foram agraciadas com o patrimônio público (Vale do Rio Doce, sistema telebras, hidroelétrica, etc). Bob Freire sabe muito bem lamber a mão do seu amo. Que triste fim o de Bob Freire. Não sentiremos nenhuma saudade.

Irmãos Karamazov

Esta aconteceu, de verdade! Sério! Acreditem! Durante uma aula em determinada faculdade particular, numa classe de literatura brasileira. A tal professora é mestre e doutoranda e os alunos entendem que é bestial, quando na verdade, não passa de uma besta. Pois a referida dona saiu-se com estas duas, numa mesma aula:

– Os Irmãos Karamazov foram famosos escritores russos que, dentre outras obras escreveram Ana Karenina e Guerra e Paz... Dostoyevsky e Tolstoy queriam levantar do túmulo e enfiar a porrada na docente.

Mas, não bastou. Ela continuou:

– Getúlio Vargas foi um grande mecenas da cultura nacional, tanto que Graciliano Ramos e Jorge Amado foram seus ministros... Pronto, mas outros dois se revirando no túmulo. Detalhe, a turma anotou e aprendeu tudo, direitinho...

Uma intervenção extraordinária

Esta não chega a ser uma besteira, mas que é divertida, isto é. Reunião da FENAJUFE, a Federação dos Trabalhadores no Judiciário e no Ministério Público Federal, companheiros do CONLUTAS e da CUT se batendo pela hegemonia da entidade, luta feroz, discursos ferinos. Aí, um companheiro decide atacar o companheiro Policarpo, um dos coordenadores da Federação. Fusca, um altivo militante do Paraná decide então tomar a defesa do Policarpo, assim:

– Todo mundo quer meter o pau no Policarpo, meter o pau no Policarpo é fácil. Mas eu quero saber quem aqui já deu mais que o Policarpo? Ele deu muito pela Federação, ele deu muito pelos trabalhadores, ele deu muito pelo PCS. Ninguém conhece mais os órgãos do Judiciário que o Policarpo... Ele foi interrompido por uma gargalhada coletiva, situação e oposição, e nem pôde continuar. Policarpo, constrangido com tal “defesa” (quem tem um amigo deste não carece de inimigos), quase pediu direito de resposta!

(*) Escritor, alcoólatra hipocondríaco, escreve de graça para esta coluna por falta de coisa mais útil para fazer.

REPRODUÇÃO



Márcio de Souza Marques *

O homem precisa compreender que gostar de mulher difere de gostar da mulher. Se desconsiderar a sutileza dessas diferenças permanecerá equivocado quanto ao tratamento devido, ignorando por completo as suas necessidades. Raros são os homens, que, conscientes e sensíveis, percebem as necessidades da natureza feminina, da alma encantadora deste ser, não se limitando no sentido sexual, na excitação da sua nudez. Não que se desconsidere os detalhes de cada calcinha, com suas rendas diferentes, e as sugestivas e excitantes roupas íntimas, mas, também, é um requinte o descortinar de sua alma, uma sabedoria.

A mulher carece de algo mais que um perfil heterossexual latino. Seus anseios são complementados de sensibilidade e

paciência, harmonizando suas belezas. A impaciência para escutá-la e a insensibilidade no cativar diário limitam o homem apenas ao irracional status de apreciador do sexo oposto.

O homem que gosta da mulher penetra em seu universo diariamente, se delicia com o modo com que ela descreve o seu dia, detalhe por detalhe. Enquanto observa atento a descrição do seu cotidiano, o homem admira as curvas do seu corpo feminino, cabelos, seios e sorriso, cultuando a sua sagacidade e intuição. Isto sim é gostar da mulher. Querer fazer a mulher feliz é gostar dela. Gostar dela é levar flores ao trabalho ou, onde quer que ela esteja, sem qualquer motivo a não ser o de ganhar o seu sorriso.

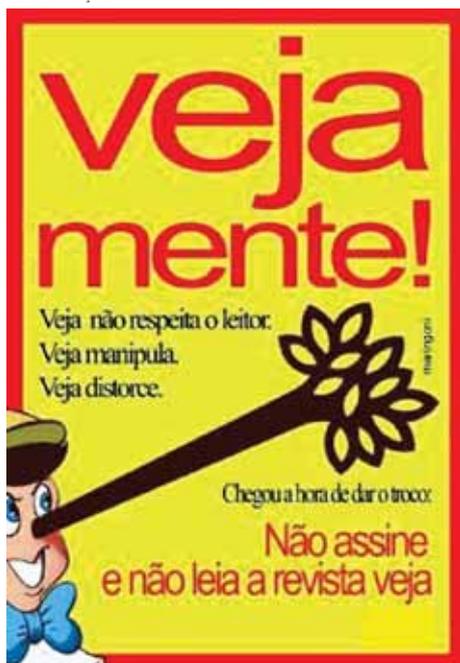
O homem que gosta da mulher não contabiliza os seus relacionamentos, mas sim a qualidade destes, se importando se elas se sentiram e foram dese-

jadas, amadas, respeitadas, protegidas e únicas no período da relação. Gostar da mulher não é só penetrar no corpo, mas na alma, respirando, sentindo, saboreando e amando cada pedacinho de sua estrutura. Amar verdadeiramente uma mulher é ser completamente fiel, é querê-la até a raiz de seus pêlos, conquistando, seduzindo e admirando-a todos os dias como se fosse a primeira vez. Sem paciência, com desejo e competência para a sedução contínua, se conhece o homem que não gosta da mulher, revela-se alguém que só pensa em conquistar várias mulheres. Quem gosta da mulher tem que conquistar a mesma mulher várias vezes, penetrando em seu universo sem sufocar ou limitar suas ações, disponibilizando e admirando sua liberdade ■

(*) Diretor do SISEJUFERJ

“As empresas não têm ideologia, têm negócios”

REPRODUÇÃO



A definição acima, pinçada dos estudos sobre cultura de massa dos filósofos alemães Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973), pode estar na origem da ira da Editora Abril e sua principal ponta-de-lança, a revista *Veja*, contra o PT e o governo Lula. A artilharia da revista para a dinamitação de um então hipotético segundo mandato de Lula teve início na edição de 25 de maio do ano passado, com a capa do rato trajando terno, gravata vermelha e uma cigarrilha entre os dedos. Nesse período, aponta reportagem do *Valor Econômico* de 17 de outubro, na reportagem “Editoras menores vendem mais ao governo federal”, já se preparava no Ministério da Educação a portaria 2.963, que viria a ser publicada dois meses depois no *Diário Oficial*.

*Alceu Nader

Assinada pelo ministro Fernando Haddad, a portaria 2.963, “dispõe sobre as normas de conduta para o processo de execução dos Programas do Livro”, proíbe a distribuição de brindes e vantagens, veta a publicidade e a produção de eventos promocionais nas escolas, entre outros recursos de marketing que pudessem induzir os professores à escolha dos livros que iriam usar nas salas de aula.

“As regras para a divulgação de livros didáticos nas escolas públicas mudaram. E o jogo virou a favor das editoras de menor porte”, diz o *Valor*.

O governo brasileiro é o maior comprador individual do mundo de livros didáticos. No ano que vem, por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) vai comprar 102 milhões

de exemplares para distribuição gratuita nas escolas públicas.

A mudança nas regras de divulgação não foi nada boa para a Abril, pois colocou na ilegalidade suas práticas de marketing e divulgação junto aos professores. Ao *Valor*, o diretor-geral da Abril-Educação, João Arinos dos Santos, diz: “Reconhecemos que pode ter havido excessos na divulgação, mas acreditamos que a forma de coibir isso não é proibir a divulgação”.

O descontentamento de Santos mora na queda do faturamento da Abril entre o último orçamento do PNLD de FHC e o do ano que vem. Em 2004, as duas editoras de livros didáticos da Abril - Ática e Scipione - ocupavam o primeiro e o quarto lugar entre as maiores fornecedoras, totalizando contratos de R\$ 128,7 milhões. Com o fim dos “excessos na

“O governo brasileiro é o maior comprador individual do mundo de livros didáticos. No ano que vem, por meio do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) vai comprar 102 milhões de exemplares para distribuição gratuita nas escolas públicas”

divulgação”, perderam 30% do mercado - ambas vão faturar R\$ 88,4 milhões - ou R\$ 40 milhões a menos do que em 2004. Pior ainda, perderam espaço em um mercado que cresceu: em 2004, o PNLD gastou R\$ 412,4 milhões; no ano que vem, vai desembolsar R\$ 456,7 milhões ■

(*)Jornalista

O "sexo forte" nas estatísticas...

Aparecida Torneros*

Cada vez que vejo notícias sobre as mulheres que comandam suas famílias, não posso deixar de questionar sua coragem no início do século XX, quando elas saíram à luta, com suas bandeiras empunhadas, pregando o direito de votar, herdeiras das primeiras operárias das fábricas da revolução industrial, saias compridas, corpos ainda muito cobertos, olhares que visualizavam seu próprio futuro: difícil, mas desafiador.

Hoje, elas (nós) estão nas estatísticas brasileiras, como um terço de "chefes" de família. Nem sei como interpretar isso ao pé da letra. Deve ser mesmo porque não tinha outra solução. Os homens nos dão os filhos e somem?

Esta perguntinha me inquieta. Nossos filhos e netos são sustentados por mulheres guerreiras, que tomam as rédeas do seu dia a dia, na busca de matar a fome e educar, sem ajuda de companheiros. Onde estão eles? Será que fogem ou se acomodam? Será que ficaram pra trás, assistindo a marcha feminina, desistindo de caminhar ao lado das que hoje vestem calças compridas, saias curtas, mostram seus corpos libertados, cabelos coloridos, rabos de cavalo balançantes, sorrisos de vencedoras? Seria esse o resultado de uma guerra de sexos?

Eles se vão e elas assumem o leme do barco, levam a nave adiante em direção ao porto onde suas famílias consigam, pelo menos, não morrer de inanição. Elas nem param para pensar ou deixar que se percam os laços desfeitos, desamarrando seus corações da mesma forma que o desamor pode explicar o abandono por parte dos pais pertencentes ao sexo "ex-forte".

Estes dados em nada engrandecem nossa classe. Ao contrário, provam que o sistema é cruel, marginaliza a maioria dos homens que não conseguem sustentar os filhos, so-

REPRODUÇÃO



brando para as mulheres guerreiras a solução de se empregarem em atividades menos valorizadas que as ajude a alimentar as bocas famintas das suas proles. O modelo sócio-econômico injusto torna as mulheres representantes de um "sexo forte" nas estatísticas, mas no fundo, forte mesmo é o instinto de sobrevivência, diante de um quadro social desequilibrado. Seria muito simples concluir assim, mas me ocorre que há um cheiro de falha nessa engrenagem social. As mesmas estatísticas apontam para o desencanto masculino do homem que se desemprega ou se embebeda, fugindo da realidade infeliz onde se vê metido por desmandos superiores, por sistema cruel que o marginaliza no processo produtivo, tornando-o um número a mais na legião dos "fracos" e oprimidos.

Aí, entra em campo o instinto materno, animal, protetor da cria, capaz de aceitar qualquer meio de subsistência para proteger sua prole. Mulheres "chefes de família", em

sua maioria, o são, por necessidade e não por opção. Cada uma delas, quer dizer, de nós, sabe o quanto nos custa esta batalha diária numa guerra pontuada por extrema injustiça.

Não podemos culpar apenas o caráter diminuído de muitos homens que, infelizmente, abandonam as famílias. Há uma grande zona de sombra na desilusão social, nos sonhos que a novela da televisão passa aos representantes do sexo masculino a quem só resta assistir, vergonhosamente, à condição em que está relegado, nas estatísticas.

Se os números comprovam tanta desigualdade, é preciso, sobretudo, que sejamos aliados e não inimigos, retomando a caminhada, do mesmo lado, com humildade, deixando de lado o machismo antiquado e o feminismo ultrapassado, nos permitindo crescer juntos. Dividir o tal "comando" pesará menos nas costas e na alma de todos nós ■

(*) Jornalista

Nise da Silveira: Rebelde com causa

Maria Eduarda Mattar*

Egas Moniz, que ganhou o prêmio Nobel, tinha inventando a lobotomia. Outras novidades eram o eletrochoque, o choque de insulina e o de cardiazol. Fui trabalhar numa enfermagem com um médico inteligente, mas que estava adaptado àquelas inovações. Então me disse: “A senhora vai aprender as novas técnicas de tratamento. Vamos começar pelo eletrochoque.” Paramos diante da cama de um doente que estava ali para tomar eletrochoque. O psiquiatra apertou o botão e o homem entrou em convulsão. Ele mandou levar aquele paciente para a enfermeira e pediu que trouxessem outro. Quando o novo paciente ficou pronto para a aplicação do choque, o médico me disse: “Aperte o botão.” E eu respondi: “Não aperto.” Aí começou a rebelde.

E foi quando não apertou o botão do eletrochoque que Nise da Silveira começou - com sua rebeldia - uma revolução. Mudou de forma definitiva o tratamento psiquiátrico que se fazia no Brasil da década de 40 - e influenciou a psiquiatria do país até os dias de hoje.

Fez de até então secundária e subalterna terapia ocupacional vedete. Apostava que as atividades artísticas não eram

simplesmente passatempo, mas tratamento de fato. Acabaram como a sua ferramenta para conhecer, estudar e tratar os, usando expressão de que ela gostava, “inumeráveis estados do ser”.

Era rígida em alguns pontos do trabalho que desempenhava: primeiro, o tratamento das pessoas com doença mental precisava ser feito com carinho, entendendo o paciente como um ser humano - com suas sensibilidades, fraquezas, necessidades - e tratando dele com o respeito necessário. Quem estivesse por perto tinha que usar do mesmo afeto para cuidar dos doentes mentais - ou virava desafeto.

Fundou duas instituições que refletiram o pioneirismo de sua metodologia e de suas convicções: o Museu de Imagens do Inconsciente e a Casa das Palmeiras. Tão revolucionárias quanto Nise, as entidades ainda hoje são referência - no tratamento psiquiátrico brasileiro.



REPRODUÇÃO



REPRODUÇÃO

Nascida em Maceió, Nise da Silveira deixou Alagoas para estudar medicina na Bahia. Foi a única mulher numa turma de 157 rapazes. A formatura foi em 1926 e, já no ano seguinte, Nise rumou para o Rio de Janeiro a fim de procurar trabalho. No entanto, foi só em 1933, quando passou em um concurso público, que sua vida profissional se cruzou com a psiquiatria para não mais se dissociarem.

Preso em 1936, acusada de comunista, Nise conheceu a privação de liberdade. A experiência teria no futuro influência determinante na condução de suas técnicas de tratamento, que evitavam ao máximo o enclausuramento das pessoas com transtornos mentais. Exemplo disso é a sua iniciativa de criação, anos mais tarde, de uma instituição diferente dos hospitais da época, com uma proposta de não internar os pacientes, mas tratá-los com liberdade de entrar e sair, em regime aberto. Assim nasceria mais à frente a Casa das Palmeiras.

Nise da Silveira morreu em outubro de 1999 aos 94 anos. A sua criação continua viva, como o Museu do Inconsciente. ■

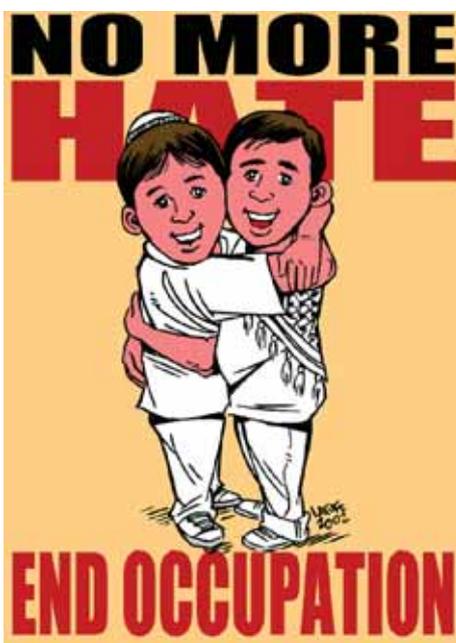
(*) Jornalista

Um cartunista brasileiro

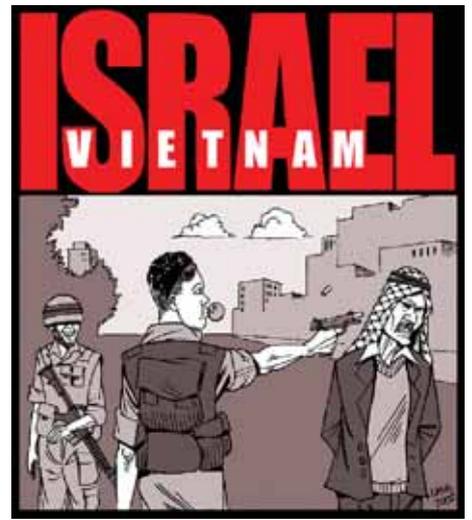
Latuff é da safra de jovens cartunistas brasileiros engajados nas lutas sociais, tanto nacionais como internacionais. Ele hoje talvez seja o profissional made in Brasil mais conhecido no mundo. Seus desenhos sobre a questão palestina, por exemplo, podem ser encontrados em centenas de portais da internet, bem como em cartazes durante manifestações populares em diversos países. Um destes desenhos já foi visto no Iraque, reproduzido até em camisas de militantes que resistem a ocupação norte-americana, o que, sem dúvida, não deve agradar a gregos e sobretudo troianos, principalmente os serviços de inteligência da atual potência hegemônica.

Este cartunista mostra que na prática é possível se contrapor ao esquema do pensamento único, tão em voga hoje na mídia conservadora. Latuff inclusive se recusa a colaborar nos grandes veículos de comunicação, por entender que o seu trabalho não seria apresentado da forma que ele quer. Trocando em miúdos: Latuff se recusa a ser manipulado. Prefere criar as suas charges na imprensa sindical, a que está vinculado desde 1990, ou pela internet.

Alguém com essa trajetória, como não poderia deixar de ser, coleciona inimigos. Mas até eles reconhecem que se trata de um chargista de alta qualidade. Foi o que aconteceu recentemente num portal de extrema-direita israelense de simpatizantes do Partido Likud (<http://www.likudnik.co.il>), quando Latuff sofreu ameaça de morte. Mesmo demonstrando ódio a Latuff, os extremistas admitem que ele “é um talento gráfico fantástico e um grande cartunista”. Nestas páginas, o leitor de Idéias pode apreciar uma pequena mostra do importante trabalho desenvolvido por Latuff. ■



o que circula no mundo



SISEJUFE-RJ apóia chapa Nova OAB nas eleições da OAB-RJ

O SisejufeRJ está apoiando a chapa Nova OAB para as próximas eleições da OAB-RJ. Encabeçada por Wadih Damous, a referida chapa traz uma proposta de uma OAB mais aberta às questões sociais e visa diminuir ou mesmo acabar com a distância que hoje mantém aquela entidade da sociedade em geral. Wadih Damous e Lauro Chuch têm um histórico de defesa de entidades sindicais e de variados segmentos dos movimentos sociais populares. Por isso, o SISEJUF-RJ conclama os advogados e advogadas do Estado do Rio comprometidos com o programa da chapa Nova OAB a votarem na eleição de 21 de novembro.

A diretoria do SISEJUFE-RJ não poderia deixar de apoiar a chapa Nova OAB. E por que apoiamos e fazemos questão de apresentar publicamente o nosso posicionamento? A vitória da Nova OAB, sem dúvida renovará a seção do Rio de Janeiro da Ordem dos Advogados do Brasil.

Trata-se de uma eleição sumamente importante para todos os cidadãos fluminenses, não apenas para os advogados, pois o bom funcionamento da Justiça e o aprimoramento da democracia passam pela atuação da OAB-RJ. A Nova OAB está vinculada às lutas ge-

rais da sociedade que hoje almeja o aprofundamento do processo democrático e um país mais justo em termos sociais.

A vitória que ocorrerá na eleição de 21 de novembro, além disso dignificará o exercício da advocacia, algo também de suma importância para o aprimoramento da democracia em nosso país. A expressão NOVA OAB não é mero acaso e nem proposta eleitoreira, mas o resultado da análise de circunstâncias singulares na história de nosso Estado e a evidência da falência de um modelo de gestão que nunca se empenhou verda-

deiramente na defesa dos interesses coletivos da categoria. Esse ultrapassado modelo de gestão impõe-se muito mais pela criação de factóides políticos e pela utilização maciça de propaganda, sustentada pelos recursos da entidade, para enaltecer os seus próprios dirigentes.

A chapa Nova OAB tem por base programática quatro pilares: A ampliação do mercado de trabalho; Formação do Advogado; Prerrogativas e Assistência.

Na próxima página leia a entrevista com Wadih Damous feita especialmente para nossa categoria. ■

Oposição se une na eleição na OAB-RJ

Wadih Damous, presidente do Sindicato dos Advogados do Rio de Janeiro é o cabeça da chapa Nova OAB, que no próximo dia 21 de novembro estará concorrendo na eleição da diretoria da OAB-RJ. Nesta eleição, cerca de 110 mil advogados em todo o Estado do Rio de Janeiro estarão aptos a votar. Depois de muitos anos, a oposição a atual diretoria se uniu e lançou como vice Lauro Schuch. Nesta entrevista exclusiva para o Idéias Wadih Damous explica como foi possível chegar a unidade da oposição a oposição se uniu para enfrentar o adversário comum e mostra também a importância, não apenas para os advogados fluminenses, como para toda a comunidade, da eleição na OAB-RJ. Wadih informa ainda os pontos centrais do programa da Nova OAB, tendo como ponto prioritário a defesa das prerrogativas do advogado e o combate da humilhante revista na porta dos prédios da Justiça.

Idéias - Quais são os principais pontos programáticos da chapa Nova OAB?

Wadih Damous – Vou citar três pontos centrais de nosso programa: o primeiro, nossa grande prioridade, é a defesa das prerrogativas do advogado. A humilhante revista nas portas dos prédios da Justiça será combatida por todos os meios legais e negociais possíveis. A Comissão de Prerrogativas funcionará com um quadro permanente de profissionais qualificados. Criaremos um index

das autoridades violadoras das prerrogativas da advocacia. E, ainda, os pedidos de assistência serão atendidos imediatamente, eliminando-se a burocracia atual. Casos de emergência terão provimento liminar, deixando-se a análise do mérito para depois.

O segundo item, não menos importante, refere-se à anuidade. Vamos acabar com casos de maus-tratos a colegas por atraso no pagamento da anuidade. Com competência, acreditamos que, em um ano, a inadimplência será reduzida a patamares mínimos, com negociação caso a caso. A máquina será enxugada de gastos desnecessários, e os luxos de dirigentes, os serviços eleitoreiros e o nepotismo terão fim. A receita passará a ser vinculada e os balanços publicados, de forma transparente, na Internet e no jornal da entidade. Com a moralização da administração e a redução significativa da inadimplência, reduziremos o valor da anuidade, sem prejuízo ao bom funcionamento da entidade.

O terceiro ponto fundamental é a recuperação da Caixa de Assistência dos Advogados do Rio de Janeiro - a CAARJ. Vamos auditar com rigor as contas para melhor investir os recursos, garantindo um serviço de qualidade e segurança aos associados. Hoje a CAARJ é uma verdadeira caixa-preta. Está em situação lamentável, com numerosos processos de descredenciamento dos melhores hospitais e médicos. Fala-se numa dívida de R\$ 45 milhões, mas a situação se nega a publicar seu balanço financeiro. Vamos checar cuidadosamente os números e a aplicação dos recursos.

Idéias - Nesta eleição para a escolha da diretoria da OAB-RJ, a ser realizada em 21 de novembro, quantos advogados estarão aptos para o exercício do voto?

Wadih - A atual administração da OAB-RJ não informa quantos advogados, entre cerca de 110 mil registrados no estado, estão em dia

com a anuidade e poderão votar. Sabemos que o índice de inadimplência é muito alto, chegando talvez a um percentual superior a 40%. Mas a situação mantém esse número guardado a sete chaves, porque é a evidência de uma gestão desastrosa.

“Com competência, acreditamos que, em um ano, a inadimplência será reduzida a patamares mínimos, com negociação caso a caso”

Idéias - Desta vez, Wadih Damous e Lauro Schuch estão juntos para enfrentar o adversário comum, a atual diretoria da OAB. Como se deu esta união?

Wadih - Nossas divergências eram secundárias, diria mesmo irrelevantes, diante do clamor e das necessidades de nossos pares. Acreditamos que, juntos, representamos agora a vontade de mudar e os anseios da grande maioria.

Idéias - Que personalidades do mundo dos advogados do Estado do Rio de Janeiro estão apoiando a Nova OAB?

Wadih - Estamos muito honrados com o apoio de muitos dos melhores profissionais, lideranças de nossa classe. Entre muitos que declararam voto na chapa NOVA OAB, estão Calheiros Bonfim, Celso Soares, Dea Rita Mathozinhos, Paulo Saboya, Ricardo Lira, Nilo Batista, Tércio Lins e Silva, Siqueira Castro e muitos outros excelentes profissionais.

Idéias - Na apresentação da chapa Nova OAB a figura do advogado Sobral Pinto e outros como Evandro Lins e Silva, Heleno Fragoso e Humberto Teles são lembrados. Eles podem ser considerados, por assim

dizer, como inspiradores da chapa?

Wadih - Sim, é claro. Não só porque foram homens brilhantes, mas sobretudo porque foram exemplos para todos nós, advogados, e para a sociedade como um todo, de conduta profissional ética, de honradez e de compromisso com os melhores ideais na busca por uma sociedade mais justa e democrática.

Idéias - Qual a importância desta eleição para a sociedade fluminense?

Wadih - A importância é enorme, porque o bom funcionamento da Justiça e o aprimoramento da democracia – que interessam diretamente à sociedade – passam pela atuação de nossa outrora ilustre e respeitada OAB-RJ. Todos precisamos da dignificação do exercício da advocacia, que só será possível resgatar com o fim do continuísmo e de gestões voltadas para interesses familiares e particulares que só vêm contribuindo para o rebaixamento da atuação dos advogados. Não é bom para nenhum cidadão que o advogado que o representa numa ação seja hoje desrespeitado e aviltado não só nas dependências do Judiciário, mas pela própria entidade maior que deveria zelar pela classe.

“Todos precisamos da dignificação do exercício da advocacia, que só será possível resgatar com o fim do continuísmo e de gestões voltadas para interesses familiares e particulares”

Idéias - Com a vitória da chapa Nova OAB, teremos, finalmente, uma OAB mais aberta à sociedade? E, para isso, qual o plano de metas?

Wadih - Certamente que sim. A OAB-RJ da situação está muito longe

de ser uma entidade transparente e participativa. É uma caixa preta voltada para atender aos interesses de um pequeno grupo que visa a se perpetuar no poder. Queremos resgatar aquela OAB que participava – muitas vezes, liderando – das legítimas lutas sociais, aquela OAB que empunhava bandeiras em prol da verdadeira cidadania.

Idéias - O senhor concorda que os advogados perderam o prestígio e o respeito de que gozavam tempos atrás? Que fatores levaram a isso e qual a responsabilidade da atual direção da OAB/RJ nisso?

Wadih - É verdade, perdemos prestígio e, o que é mais grave, vários

“Vamos continuar a defender nossas prerrogativas por todos os meios legais e negociais. Não podemos permitir que a classe continue a ser humilhada perante o Judiciário e, em consequência, perante a sociedade.”

de nós começam a perder a auto-estima profissional. Quando se é obrigado a pagar para não ser revistado, quando se é destrutado por juízes e funcionários do Judiciário, quando a carteira da Ordem parece nada valer para os que deveriam respeitá-la mais do que todos, quando se está arriscado a ser preso – como se bandido fosse – apenas por estar em débito com a anuidade, fica realmente difícil manter o orgulho de dizer: sou advogado. Esse orgulho nós vamos resgatar.

Idéias - De que forma a Nova OAB pretende ajudar na recuperação do prestígio e do respeito aos advogados?

Wadih - Já temos lutado por intermédio do Sindicato dos Advogados do Estado do Rio de Janeiro, e essa luta será fortalecida na representação da OAB-RJ. Vamos continuar a defender nossas prerrogativas por todos os meios legais e negociais. Não podemos permitir que a classe continue a ser humilhada perante o Judiciário e, em consequência, perante a sociedade. Nossa carteira da Ordem voltará a gozar do devido respeito. Voltaremos a

contar com uma OAB mais participativa e engajada nas lutas por uma sociedade mais justa.

Idéias - Wadih Damous, o senhor poderia sinteticamente informar para o Idéias em Revista a sua trajetória profissional e a sua luta sindical?

Wadih - Como presidente do Sindicato dos Advogados do Estado do Rio de Janeiro, tenho assumido as lutas da classe, em defesa de seus direitos. O

Sindicato foi autor de várias iniciativas contra as ilegalidades da OAB e da CAARJ. Propusemos ações judiciais contra o aumento da anuidade. Nossas ações que impediram o descredenciamento dos hospitais e clínicas oferecidos pelos planos anti-gos e contra o aumento abusivo de preços têm sido alvo do reconhecimento de todos os advogados. Alguns deles e seus dependentes tiveram a vida salva graças ao êxito daquelas ações. Na porta do Fórum e da Justiça do Trabalho ou nos corredores da Justiça Federal,

estamos e estaremos sempre à frente dos embates diretos em defesa da classe. Em 1999, no Congresso Nacional, participei da CPI do Judiciário, denunciando irregularidades. Em pronunciamentos, entrevistas e artigos, tenho combatido o nepotismo e outros procedimentos incorretos de setores do Judiciário. ■



É preciso barrar a direita e derrotar Alckmin

João Pedro Stedille (*)

Os movimentos sociais devem se mobilizar, arregaçar as mangas e ir para as ruas para derrotar a candidatura Alckmin. De 1990 a 2002, as classes dominantes implementaram um programa neoliberal desastroso para a economia e para o povo.

Entregaram ao capital internacional as melhores empresas, estatais e privadas. Dilapidaram os serviços públicos. A dívida pública interna cresceu, e o governo passou a usar 30% de toda a receita para pagar juros. O povo, as empresas e o governo passaram a arcar com as mais altas taxas de juros do mundo.

Resultado: a economia não cresceu, e houve maior concentração da riqueza. Ao povo restou a pobreza, a desigualdade e o maior desemprego do país.

Nas eleições de 2002, o povo votou contra o neoliberalismo e elegeu o presidente Lula. Nos últimos quatro anos, houve um governo de coalizão, como costuma dizer o ministro Tarso Genro, e as forças do capital continuaram influenciando para manter a política neoliberal. Por outro lado, as forças de esquerda conseguiram avanços na política externa, na defesa das estatais e em algumas áreas sociais, como a educação pública e o salário mínimo.

Nós dos movimentos sociais temos sido críticos da política econômica. O MST tem se manifestado e lutado con-



tra a lentidão da reforma agrária, a prioridade dada ao agronegócio e o não-cumprimento do plano nacional de reforma no campo. Compreendemos que o contexto político foi adverso para as forças populares, pela ausência de mobilização de massa e pelo marasmo da maioria dos sindicatos e movimentos. Alguns se acomodaram ou tiveram suas direções cooptadas ideologicamente. Outros foram massacrados pela ofensiva neoliberal que acabou com setores da classe trabalhadora.

Vieram as eleições de 2006. Defendíamos a necessidade de aproveitar a campanha para debater um novo projeto popular. Infelizmente, predominaram visões oportunistas e de marqueteiros e a repetição de métodos espúrios, com uso abusivo do dinheiro, compra de cabos eleitorais e etc. O resultado foi a campanha sem entusiasmo, sem militância e sem interesse do povo.

Mas, como tudo na vida, há contradições. A unidade da direita em torno de Alckmin provocará o debate de idéias e projetos. A campanha deverá deixar claros os interesses de classe que há por trás de cada candidatura. A direita defende todos os dias ser preciso seguir privatizando – Petrobras, Correios, estradas e ban-

cos estaduais. Eles

querem as reformas trabalhista, tributária e da Previdência. Propõem a garantia do pagamento de juros dentro da Constituição pelo mirabolante plano déficit zero. Recolocam a Alca como uma necessidade – e, assim, subordinariam ainda mais nossa economia e o país aos interesses do império.

Quando tudo parecia já acordado, e os resultados, previstos, eis que, por graves erros da campanha Lula, a direita encontra motivos para se unificar em torno de Alckmin (como com Collor, em 1989). Foi para a ofensiva e levou a eleição para o segundo turno.

Por tudo isso, os movimentos sociais e todos nós, seus militantes, devemos nos mobilizar para derrotar a candidatura Alckmin. Vamos transformar a campanha num debate de projetos e de idéias. Uma vitória de Alckmin seria uma derrota gravíssima para o povo. E, no eventual próximo mandato de Lula, vamos seguir mobilizados para derrotar a política neoliberal e debater na sociedade um novo projeto para o país ■

(*) Economista e membro da coordenação nacional do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e da Via Campesina Brasil.

Senhor Senador (por mais quatro anos) Cristóvam Buarque

REPRODUÇÃO



Gislaine*

Recebi uma foto e resolvi encaminhá-la ao Senhor, para poder explicar meu sentimento e pensamento que, nesse momento, se misturam. Nós que temos condições de pagar as nossas faculdades, às vezes (quase sempre seria mais adequado), nos esquecemos de pessoas (como a foto) que dependem de um programa de governo, de uma bolsa para poderem estudar. Olha o sentimento no olhar desse rapaz da foto anexa! A expressão dele dispensa maiores comentários... Mesmo assim vou comentar, para esclarecer o motivo pelo qual eu estou lhe enviando este e-mail. Muitas pessoas (principalmente os mais pobres) tiveram suas vidas mudadas pelas iniciativas do atual governo, apesar de muitos colunistas e repórteres dizerem exatamente o oposto. Diferentemente do que se lê nas revistas e se vê nos noticiários, eu já ouvi testemunhos de pessoas do Nordeste, por exemplo, que dizem que agora têm o que comer. Não me admira que em Minas, nas áreas mais carentes de Belo Horizonte, o Lula tenha ganhado esmagadoramente do seu adversário de 2º turno. Por que será?

Vamos sair da nossa zona confortável de classe média e olhar para o lado. Olhar para o mais pobre, o mais necessitado. Enquanto pensarmos em nós mesmos, o país não vai melhorar. Será que o senhor, Sr. Cristóvam (senador do DF no qual eu votei e agora digo: INFELIZMENTE) ao dizer que vai apoiar o "Geraldo" se lembrou dos oito anos do PSDB no governo? Será que

esses "psdbistas" foram tão melhores que o Lula na área da educação para o senhor declarar apoio ao PSDB? Ou será que o senhor está incluído na mesma classe de políticos (que eu ABO-MINO TOTALMENTE) que manda esquecermos o que o senhor disse? Abandonar o partido já foi demais (para mim). Agora, abandonar sua ideologia, seus princípios é ir além dos limites da coerência. Nada mais "desalinado" e dispare do que os princípios do PSDB e os princípios que eu acreditava que o senhor defendia. Princípios esses que me fizeram votar no senhor tanto para governador do DF quanto para senador. Existe uma forma de retirar meu voto? O senhor ainda tem quatro anos no Senado e eu retiro meu voto. Retiro moralmente, uma vez que não tenho como retirá-lo de fato. Que história é essa de "agora somos todos contra o Lula"? Eu pensei que o correto seria "agora somos todos a favor do POVO". O senhor disse em um texto que "a reforma universitária só deve ser feita depois de todas as conciliações possíveis". Talvez o senhor já tenha começado o processo de "conciliação pela educação". O senhor não acha que está indo longe demais? Tem certeza que é pela educação? Acorda senhor Cristóvam!!! Acordemos nós eleitores!!!

Obs.: não me venha falar de corrupção. Será que o PSDB não tinha casos de corrupção ou era a Polícia Federal que não podia investigar tantos casos como fez agora?! A corrupção não foi inventada pelo PT ■

(*) Sua ex-eleitora

A polarização esquerda/direita comanda o 2º turno

Emir Sader (*)

Quando os promotores da campanha terrorista da mídia acreditavam que tinham desarticulado as possibilidades de reeleição de Lula e que poderiam eleger um poste – escolheram Alckmin como candidato. Este assumiu os temas centrais da direita: “choque de gestão”, diminuição de impostos, menos Estado, política externa voltada para os EUA e de costas para a América Latina, privatizações, retomada de atitude dura com os movimentos sociais, abordagem da questão ética sob o prisma de que “quanto menos Estado, menos corrupção”, política de linha dura na segurança pública.

Recordemo-nos que Alckmin fez paralelos diretos com a eleição mexicana, identificando-se com um candidato de direita – Calderón – que, como ele, tem vínculos com a Opus Dei e identificando Lula com Lopez Obrador, que liderou as mais importantes manifestações de massa da história do México.

Alckmin deve se identificar não apenas com Calderón, mas com os outros candidatos da direita hoje na América Latina e no mundo. Com Sarkozy na França, com que tem em comum, entre outras coisas, a linha troglodita em segurança pública, com Berlusconi, por contar com o monopólio midiático a seu favor, com Aznar, também pelo Opus Dei, com o candidato da direita venezuelana cujos laços com a grande mídia privada brasileira no seu comportamento são evidentes, com Álvaro Noboa no Equador, uma das maiores fortunas daquele país.

Agora, quando a esquerda mostra sua força – pelos votos populares a Lula, pela unidade dos movimentos sociais no apoio à reeleição, pelo favoritismo reconquistado por Lula – Alckmin quer se ver livre da identificação com a direita e pede que se esqueça o que ele disse. Uma amnésia que parece uma doença tipicamente tucana.

O campo político foi se articulando em torno da polarização direita/es-



REPRODUÇÃO

querda, mais além de avaliações que se possam fazer. A unidade dos partidos de direita, das entidades empresariais, da grande mídia privada – denunciavam sem dificuldade onde está o candidato da direita. O apoio dos partidos de esquerda (PT, PSB, PCdoB), da CUT, do MST, além da imprensa independente (Carta Capital, Carta Maior, Brasil de Fato), bem como de intelectuais e artistas de esquerda – entre eles Antônio Cândido, Chico Buarque, Leonardo Boff, Oscar Niemeyer, entre tantos outros – fortalecem a caracterização de Lula como o candidato que ocupa o espaço da esquerda no campo político.

Porém, embora desconhecida por algumas análises, bastaria considerar a política externa brasileira – e seu papel na América Latina – para invalidar qualquer análise que pretenda permanecer equidistante dos dois candidatos. Para a esquerda do continente – e os projetos de integração regional, que demarcam a alternativa popular no continente, em contraposição às políticas de assinatura de tratados de livre comércio com os EUA e da Alca – não há equidistância possível entre a política exterior do Governo Lula e aquela que teria um governo tucano-

pefelista. Não por acaso se pronunciaram, da forma que puderam manifestar, os governos da Venezuela, de Cuba, da Bolívia, da Argentina, fortemente a favor da reeleição de Lula.

Da mesma forma, não há equidistância entre a política educacional do Governo Lula e a de privatizações galopantes do governo tucano-pefelista. O mesmo acontece nas políticas culturais, nas políticas do BNDES, nas políticas sociais, entre outros pontos. Derrotar a campanha terrorista do monopólio privado da mídia é também um triunfo da esquerda. Embora um novo Governo Lula está obrigado a tirar lições das brutais campanhas de que foi vítima.

Ser de direita incomoda a Alckmin porque ele sentiu o peso da esquerda. Mas também porque está em péssima companhia: as ditaduras militares, ACM, Jorge Bornhausen, entre tantos outros abomináveis companheiros de aventura direitista. Os campos que se enfrentam no segundo turno estão irreversivelmente determinados pelo confronto entre direita e esquerda existentes, como os maiores pólos antagônicos no Brasil de hoje ■

(*) Sociólogo e professor da Uerj

Alckmin, a paulicéia desvairada

Gilson Caroni Filho (*)

A "Paulicéia Desvairada", de Mário de Andrade, é poética de indiscutível qualidade. Um balanço das contradições vivas na alma do autor frente à modernização de São Paulo. "Estes homens de São Paulo/Todos iguais e desiguais/ Quando vivem dentro dos meus olhos tão ricos/ Parecem-me macacos/ uns macacos". Simultaneamente a capital paulista é a tumba de homens massacrados pelas "monções de ambição" de capitalistas e o palco multicolorido de festas. Os versos expressam a vida no que ela tem de mais atordoante: indeterminação e liberdade.

A "Paulicéia Desvairada" de Geraldo Alckmin, candidato tucano à Presidência, comporta uma prática narrativa tão pouco comprometida com a verossimilhança que talvez seja mais apropriado falarmos numa modalidade burlesca do teatro político apresentado de forma recorrente pelas classes dominantes brasileiras. Misturando gêneros distintos, importa da tragédia o "Coro" que, na adaptação à luta política, tem seu papel de intermediação entre platéia e personagem desempenhado de forma uníssona pela grande imprensa.

Ao contrário da poética de Mário, a farsa de Alckmin substitui a indeterminação pelo cálculo e a vida pela política enfeudada pelo mercado. É preciso um pouco de impostura para o bom desempenho, mas isso o ex-governador paulista, sobejamente, tem. Quando declarou que o presidente Lula está a sua direita neste segundo turno, demonstra fazer pouco do arquétipo espacial trazido à política pela Revolução Francesa. "Sou mais à

esquerda do que ele no apreço à democracia e no sentido econômico".

Mas já que "apreço não tem preço", vamos comparar as gestões dos dois candidatos. Lula no governo federal e Alckmin, no comando de São Paulo. O governo petista estancou o processo de privatização e sucateamento do parque produtivo. Combinou, em doses perfeitas, estabilização com redistribuição de renda. O recorde inédito nas exportações (US\$ 60 bilhões) foi acompanhado de aquecimento do mercado interno, responsável pela geração de quatro milhões de novos empregos formais entre 2003 e 2005.

Os números de São Paulo são reveladores do "apreço" do ex-governador. Como destaca Altamiro Borges desde a criação do Programa Estadual de Desestatização (PED), "setores estratégicos da economia paulista foram vendidos para monopólios privados, especialmente estrangeiros, por preços irrisórios". Eletropaulo, CPFL, Cesp, Comgás e Ceagesp foram doadas à iniciativa privada. Somando-se a isso parcela considerável da malha viária e ações da Nossa Caixa Previdência, "a alienação de todo esse patrimônio totalizou R\$ 35,6 bilhões".

O governo Lula conviveu com três CPIs. Nunca se combateu tanto a corrupção como nos últimos três anos. As ações articuladas entre Polícia Federal, Controladoria Geral da União, Receita Federal e Ministério Público desbarataram 75 quadrilhas. Destas, apenas nove começaram neste governo. Do restante, 61 vinham agindo desde o governo FHC.

Já o "apreço" à democracia de Alckmin se expressa em 69 pedidos de CPIs abortados mediante a utilização de artifícios legais herdados da ditadura. Destas solicitações abafadas, 37 eram para investigar fraudes e casos de corrupção praticados diretamente pela administração estadual ■



LATUFE
2006

(*) Professor de Sociologia das Faculdades Integradas Hélio Alonso (Facha), no Rio de Janeiro, e colaborador do Jornal do Brasil, observatório da Imprensa e de La Insígnia.

Fraude na eleição do Equador impõe segundo turno e favorece candidato de direita*

As eleições presidenciais equatorianas, ocorridas no último dia 15 de outubro, foram abertamente fraudadas. O candidato Rafael Correa (foto ao lado) estava à frente das pesquisas até poucos dias antes da votação, inclusive com a possibilidade de ganhar o pleito já no primeiro turno. Apresentado como “nacionalista”, durante a campanha eleitoral, Correa teve como aliado o presidente venezuelano Hugo Chávez, se declarou contrário ao TLC e anunciou que reveria os contratos com a Petrobrás no Equador, proprietária desde 2003 da transnacional Perez Companc, que atua no país.

Uma “reviravolta espetacular”, como cinicamente noticiou o jornal Folha de São Paulo, jogou a disputa não só para o segundo turno, que se realizará no dia 26 de novembro, como impôs o magnata da banana e do café, Álvaro Noboa, discípulo fiel de Bush, à frente, com 26,7% contra 22,4% imputados a Correa. Essa “mágica” só foi possível por uma ação arquitetada pelo chefe da missão de observadores da OEA, o ex-ministro das relações exteriores do governo Kirchner, o peronista argentino Rafael Bielsa, o Tribunal Superior Eleitoral, os institutos de pesquisa e a empresa brasileira E-Vote, responsável por aplicar o *know-how* da fraude eletrônica no Equador.

As pesquisas de boca-de-urna do primeiro turno, controladas por dois institutos norte-americanos, Market e Gallup, repentinamente deram vantagem para Noboa. No dia das eleições, como denunciou Correa, os funcionários a serviço da OEA já haviam corrompido um grande número de delegados das seções eleitorais para que abandonassem os centros de votação, enquanto equipes ligadas a Noboa executavam a fraude, engordando as urnas em favor do candidato de Bush.

Apesar das denúncias, representantes do governo de Alfredo Palácio e da missão de observadores da OEA garantiram que a votação transcorreu “sem indícios de fraude”. O mais escandaloso, porém, ainda estaria por vir. Quando a contagem

REPRODUÇÃO



estava em 70% dos votos, a totalização eleitoral eletrônica foi suspensa sem qualquer explicação, a não ser a de uma pane do sistema de contagem, e os resultados que deveriam ser anunciados na noite de domingo foram adiados.

Nesta altura, a vantagem de Noboa sobre Correa já passava dos 4,15 pontos percentuais. Com a fraude consolidada, Álvaro Noboa, o burguês-mor do Equador, anunciou: “o povo acaba de dar a maior surra a um amigo dos terroristas, a um amigo de Chávez, a um amigo de Cuba” (France Press, 15/10), referindo-se a Correa.

A empresa brasileira E-Vote, responsável por divulgar os resultados finais da eleição duas horas depois do fecha-

mento das seções, teria atrasado propositalmente o anúncio da totalização dos votos para consumir a fraude. A empresa foi a mesma que coordenou o processo de totalização dos votos no Brasil durante as eleições presidenciais de 2002, quando Lula foi eleito.

Rafael Correa foi ministro da Economia do governo “neoliberal” de Alfredo Palácio. O seu “nacionalismo” é tamanho que o candidato “progressista” apoiado por Chávez sequer coloca-se a favor de que o Equador volte a emitir moeda nacional, abandonada em 2000, para adotar o dólar norte-americano ■

(*) Matéria extraída de agências internacionais.

“Socialismo ou Barbárie”

*Ernesto Germano

Há um país que se estende, oficialmente, por um território de quase 10 milhões de km². Um país com população perto de 300 milhões de pessoas e que ostenta um Produto Interno Bruto anual de US\$11 trilhões. Um país que tornou-se também a referência de todos os liberais do planeta, a bússola que orienta todas as iniciativas quando se trata de louvar o capital e o lucro. Este país se arvora “defensor da liberdade” e “xerife da democracia”, como se liberdade e democracia fossem situações que dependessem de um chefe ou de uma voz de comando.

No entanto, quotidianamente, vemos que é um país doente. Percebe-se que suas partes constituintes estão sem saúde e que seu corpo social está se deteriorando. Enquanto seus líderes atendem aos interesses das grandes corporações econômicas e enviam tropas para intervir nos mais distantes pontos do globo, estas mesmas corporações determinam uma criminosa censura à sua própria imprensa para que seus cidadãos não tomem conhecimento das tragédias e matanças que promovem pelo mundo.

O Congresso desse país, desavergonhadamente, vota uma lei autorizando a tortura de prisioneiros como “meio possível para obter informações”. O país que aponta para outros falando em falta de liberdade tem uma lei que permite que cada cidadão tenha sua vida vigiada, as correspondências e até suas preferências literárias controladas. E suas crianças estão morrendo nas escolas onde deveriam estar sendo educadas.

Se olharmos para esse país só poderemos ver uma sociedade doente. Na segunda-feira, 02 de outubro, um homem invadiu uma escola na Pensilvânia e matou cinco meninas, ferindo outras antes de se suicidar. Todas as meninas tinham entre seis e treze anos e este foi



Neonazistas nos EUA, retrato de uma sociedade doente.

o terceiro tiroteio em uma escola dos Estados Unidos em apenas duas semanas. No Estado de Nevada, no mesmo dia, a polícia cercou outra escola onde um homem armado com um fuzil AK-47 fora visto. No dia 27 de setembro, um homem ocupou durante quatro horas uma escola no Colorado, armado com duas pistolas, e violentou seis estudantes secundaristas, matando uma e depois suicidando-se. Dois dias depois, um estudante de 15 anos matou o diretor do colégio em Wisconsin.

Em outubro de 1997 um jovem de 16 anos, no Mississippi, matou sua mãe e foi para a escola onde matou mais dois estudantes e feriu sete. Poucos dias depois, no Kentucky, um estudante de 14 anos chegou na escola e matou a tiros três colegas, ferindo outros cinco. Em março de 1998, no Arkansas, dois rapazes mataram a professora e quatro alunas no pátio do colégio. No mês seguinte, na Pensilvânia, um professor de ciências foi abatido a tiros por um aluno de 14 anos. Em maio, no Tennessee, um estudante de 18 anos matou o colega no estacionamento. Dois dias depois, no Oregon, um adolescente de 15 anos matou dois colegas e feriu mais vinte

dentro do colégio. Mais tarde a polícia descobriu que ele havia matado também seus pais, antes de ir para a escola.

Tudo isto nos recorda, sempre, os acontecimentos de 20 de abril de 1999 quando, no Colégio Columbine, no Colorado, dois adolescentes (18 e 17 anos) mataram doze estudantes e um professor antes de se suicidarem. Mas há outros cenários para a violência. Em novembro de 1988, na Califórnia, uma pára-quedista militar disparou onze vezes contra um casal de trabalhadores mexicanos. A moça tinha 18 anos e o rapaz 22. Durante o julgamento a soldado declarou que “odiava os mexicanos e só havia se alistado no exército porque tinha esperanças de que seu país invadis-se o México algum dia”. A lista é muito maior, mas paramos por aqui. Certa vez, um grande filósofo alemão lançou o alerta ao escrever que a humanidade precisa escolher entre “socialismo ou barbárie”. Mais de um século depois, analisando a sociedade doente que o capitalismo criou, um outro homem escreveu: “socialismo ou barbárie... se, por sorte, estivermos vivos” ■

Assessor Político do Sintergia

Leia sem rir que a coisa é séria



– O que é estratégia?
 – Estratégia é quando a tua munição acaba e você continua atirando para o inimigo não notar.
 – Que besteira. Se teu pai fosse vivo, estaria rolando no túmulo de tanta vergonha.
 – Desculpe-me mas sua falácia está completamente errada.
 Um terceiro cidadão entra no bar.
 – Sobre o que vocês estão falando?
 – Não preste atenção alguma a este idiota. Nem mesmo o ignore. Mas você não chegou mais cedo hoje?
 – Ah, eu acordo todos os dias as seis da manhã, não importa a hora.
 – Veio só beber ou também vai ingerir algum líquido?
 – Ambos, mas na verdade marquei com meu advogado. Temos de discutir um contrato oral.
 O estrategista se meteu:
 – Um contrato oral não vale o pa-

pel no qual é escrito.

– Concordo mas nem por isso devemos culpar Deus. Ele é apenas humano.
 – Estou com saudades de casa.
 – Natural. Todo homem ama sua terra natal quer tenha ou não nascido nela. Você nasceu na sua terra natal?
 – Não. Nasci na Tchecoslováquia, mais precisamente em Corrientes.
 O estrategista interrompe.
 Nós viemos aqui para beber ou conversar?
 – Vamos beber dentro das nossas possibilidades mesmo que tenhamos de pedir dinheiro emprestado.
 – E Deus abençoe a Santíssima Trindade.
 Um homem que bebia de pé no bar e ouvia a conversa, perguntou ao barman:
 – Quem são esses três?
 – Um é entrevistador de TV, o do

meio é modelo e o careca é publicitário. Gente muito séria.

– Você sabia que não existem dois flocos de neve iguais? – perguntou um bêbado para a mocinha que fora ali ver se encontrava alguém que não estivesse bêbado.
 – Prova – disse ela.
 – Você sabia que há seis vezes mais probabilidades de um homem ser atingido por um raio do que uma mulher?
 – Prova – disse ela.
 – Você sabia que uma lesma macho só faz amor uma vez na vida mas em compensação leva vinte e quatro horas e a lesma fêmea não pára de ter orgasmos?
 – Prova.
 – Antes, porém, gostaria de saber seu nome.
 – Ana Maria. E o seu.
 Oswaldo Lesma, modestamente.



Unimed

PLANO DE SAÚDE - O SISEJUFE-RJ oferece para seus associados, dependentes e agregados, com pagamento consignado em folha, um Plano Empresarial de Saúde Unimed, através da Vectorial Corretora. Ampla credenciamento inclusive no interior e os melhores preços do mercado. Informações pelos telefone 21580558 ou 21580559. Ver a tabela no portal <http://sisejuferj.org.br>.



O SISEJUFE-RJ firmou convênio com a Universidade Estácio de Sá, para os cursos de graduação, cursos do Instituto Politécnico, pós-graduação "lato sensu", para os servidores associados e seus dependentes.

Visando o desenvolvimento e o aperfeiçoamento do potencial do ser humano, tornando-o capaz de se inserir na sociedade, dentro de suas novas exigências e seus novos paradigmas. Maiores informações: www.estacio.br ou Central de Atendimento (21) 25630000.

